

Quando a Colmeia Ensina: Crônica de uma Matemática de Saberes Vivos

Kelven Farias Pereira

Concórdia do Pará, Pará, Brasil
kelvenfarias12@gmail.com

O relógio da escola ainda marcava 17h quando Gabriel chegou com seu chapéu de apicultor e um brilho nos olhos que nenhuma prova do SAEB seria capaz de medir. Trazia nas mãos uma caixa, e dentro dela, o que ele chamava de “matemática viva”: um pedaço de colmeia, cuidadosamente protegido, feito de hexágonos perfeitos — daqueles que nem compasso de engenheiro consegue desenhar tão bem.

Na sala de aula do Reforço Escolar da Escola Amabilio Alves Pereira, as abelhas sem ferrão viraram professoras por uma tarde.

A turma, dispersa a princípio, foi se juntando ao redor do favo como se aquilo fosse um mapa do tesouro. E era. Um mapa para outra forma de ensinar e aprender — não aquela da lousa e do giz, mas aquela da vida e dos sentidos. Começamos a etnomodelar ali mesmo, no chão da sala: por que as abelhas usam o hexágono? Como calculamos sua área? E por que isso importa?

Importava, e muito. Porque agora, a Matemática ganhava cheiro de mel, textura de cera e som de zumbido. A Geometria deixava de ser abstrata e ganhava voz, falada na língua da floresta, da roça, dos quintais da Amazônia.

Lembrei-me então de D'Ambrosio e sua Etnomatemática: “o fazer matemático inserido no contexto cultural de um povo”. Gabriel era esse povo, esse saber. E cada aluno ali carregava um saber que podia ser traduzido, não por fórmulas impostas, mas por perguntas respeitadas: “Como vocês medem o tempo na roça?”, “Como sabem o tamanho do terreno para plantar?”, “Quem ensinou vocês a dividir a farinha?”

Foi nesse cenário que a Etnomodelagem se impôs não como metodologia, mas como escuta. Escuta do saber local, das experiências do campo, das mãos calejadas que sabem tanto quanto qualquer livro. E foi assim que o projeto de Reforço Escolar — pensado

para “recompor aprendizagens” — virou solo fértil para aprender com o outro, e não apenas sobre o outro.

Ao fim do mês, tínhamos mais do que gráficos e figuras geométricas nos murais. Tínhamos narrativas. Tínhamos um aluno que aprendeu a calcular área pela colmeia, outro que mediu o quintal com a mãe para entender perímetro. Tínhamos, enfim, uma Matemática com identidade.

Afinal, como bem diria Edgar Morin, “ensinar não é apenas transmitir conhecimento, é criar condições para que o saber floresça”. E ali, naquela sala que cheirava a barro, giz e mel, o saber estava em flor. Ou melhor, em voo.

Quando a Colmeia Ensina: Crônica de uma Matemática de Saberes Vivos

When the Beehive Teaches: Chronicle of a Mathematics of Living Knowledge

Cuando la Colmena Enseña: Crónica de una Matemática de Saberes Vivos

Resumo

Esta crônica narra uma vivência no Reforço Escolar onde um aluno, apicultor iniciante, traz uma colmeia para a sala, desencadeando reflexões etnomatemáticas a partir da Geometria presente nos favos. A experiência transforma a sala de aula em um espaço de escuta e valorização dos saberes locais, demonstrando como a Etnomodelagem e a Educação Sustentável podem dialogar com a Matemática escolar. Entre mel, barro e giz, nasce uma aprendizagem com identidade e pertencimento.

Palavras-chave: Etnomatemática. Etnomodelagem. Educação Sustentável. Reforço Escolar. Práticas culturais.

Abstract

This chronicle recounts an experience in a School Support project where a student, a beginner beekeeper, brings a beehive into the classroom, sparking ethnomathematical reflections from the Geometry found in honeycombs. The event turns the classroom into a place of listening and valuing local knowledge, showing how Ethnomodeling and Sustainable Education can engage with school Mathematics. Among honey, clay and chalk, learning with identity and belonging is born.

Keywords: Ethnomathematics. Ethnomodeling. Sustainable Education. School Support. Cultural practices.

Resumen

Esta crónica narra una vivencia en el Refuerzo Escolar donde un alumno, apicultor principiante, lleva una colmena al aula, desencadenando reflexiones etnomatemáticas a partir de la Geometría presente en los panales. La experiencia transforma el aula en un espacio de escucha y valorización de los saberes locales, demostrando cómo la Etnomodelación y la Educación Sostenible pueden dialogar con la Matemática escolar. Entre miel, barro y tiza, nace un aprendizaje con identidad y pertenencia.

Palabras clave: Etnomatemática. Etnomodelación. Educación Sostenible. Refuerzo Escolar. Prácticas culturales.